

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA GISELLE FERREIRA MARQUES

**REDES SOCIAIS E PADRÃO DE BELEZA: Aspectos psicossociais das pessoas com
deficiência física na contemporaneidade**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2025

MARIA GISELLE FERREIRA MARQUES

**REDES SOCIAIS E PADRÃO DE BELEZA: Aspectos psicossociais das pessoas com
deficiência física na contemporaneidade**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Francinete
Leite Junior

MARIA GISELLE FERREIRA MARQUES

**REDES SOCIAIS E PADRÃO DE BELEZA: Aspectos psicossociais das pessoas com
deficiência física na contemporaneidade**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 02/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Orientador: PROF. DR. FRANCISCO FRANCINETE LEITE JUNIOR

Membro: PROFA. DRA. FLAVIANE CRISTINE TROGLIO DA SILVA/ UNILEÃO

Membro: PROFA. ESP. SANDCLEIDE DA SILVA FERREIRA/ UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2025

REDES SOCIAIS E PADRÃO DE BELEZA: Aspectos psicossociais das pessoas com deficiência física na contemporaneidade

Maria Giselle Ferreira Marques¹
Francisco Francinete Leite Junior²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender de que forma as redes sociais influenciam na construção dos padrões de beleza e como esses padrões impactam a autoimagem e a saúde mental de pessoas com deficiência física. A pesquisa caracteriza-se como exploratória, de abordagem qualitativa, utilizando revisão bibliográfica e análise semiótica de imagens de influenciadores digitais com deficiência, como Ivan Baron e Ana Clara Moniz, cujas postagens refletem a valorização da diversidade e o enfrentamento ao capacitismo. Os resultados evidenciam que, embora as redes sociais possam reproduzir ideais estéticos excludentes e inatingíveis, também se configuram como espaços de resistência e empoderamento, permitindo a ressignificação do corpo com deficiência como símbolo de potência, autenticidade e beleza plural. Conclui-se que a representatividade digital contribui para o fortalecimento da autoestima e da inclusão social, promovendo uma nova percepção sobre a deficiência física e desafiando padrões normativos de beleza. Dessa forma, o estudo destaca a importância das redes sociais como ferramentas psicossociais de transformação cultural e de promoção da equidade e da diversidade.

Palavras-chave: Redes sociais; Padrão de beleza; Pessoas com deficiência física; Saúde mental; Psicologia.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: mariagiselleferreiramarques@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: francinetejunior@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

No século XXI, o avanço da tecnologia as redes sociais é um dos principais espaço sociabilidade contemporânea desempenhando um papel significativo na construção e difusão do padrão de beleza. Como aponta Bauman (2001), vivemos em uma sociedade de consumo marcada pela fluidez das relações e pelo culto à aparência, em que o corpo passa a ser um capital simbólico. Nesse contexto, as redes sociais intensificam a valorização de corpos cada vez mais magros, definidos, belos e eficientes, sendo assim, um fator para influenciar na baixa autoestima de milhares de pessoas com deficiência física.

Dessa maneira, a partir do momento em que se estabelece um discurso hegemônico que exalta determinada etnia, povo ou conjunto de valores transmitidos geracionalmente, todos os elementos que se encontram à margem dessa narrativa tendem a ser desvalorizados, deslegitimados e socialmente estigmatizados. Como afirma, Garland-Thomson (2017), a cultura visual dominante tende a classificar corpos de pessoas com deficiência como “extraordinários”, reforçando estereótipos em vez de promover inclusão.

Nesse sentido, a escolha do tema foi impulsionada pelo desejo de compreender as influências que os padrões de beleza e pressões das redes sociais podem ocasionar na saúde mental das pessoas com deficiência física, ademais, é possível afirmar que tais questionamentos emergiram de experiências pessoais e acadêmicas, visto o constante atravessamento da temática em diversos âmbitos da vida cotidiana e, conseqüentemente, nas diferentes áreas de atuação da psicologia.

Portanto, esse estudo visa contribuir com a sociedade, refletindo sobre os impactos causados na vida e na saúde mental das pessoas com deficiência física, além de fortalecer e valorizar a qualidade de vida e o bem-estar dessa população, contribuindo para o desenvolvimento de uma sociedade que privilegie a equidade, a diversidade e a inclusão.

Segundo Hall (2016), representar algo significa descrevê-lo ou retratá-lo, trazendo-o à tona na mente através da descrição, modelo ou imaginação, produzindo uma semelhança de algo em nossa mente ou nos nossos sentidos. Desse modo, a pergunta de partida nessa pesquisa é como as redes sociais influenciam no padrão de beleza das pessoas com deficiência física?

Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo geral compreender a influência das redes sociais nos padrões de beleza de pessoas com deficiência física e os impactos na saúde mental. De modo mais específico, pretende-se discutir as relações entre corpo, pessoa com deficiência física e padrões de beleza e os impactos na saúde mental. Além disso, identificar de que maneira as redes sociais contribuem para a formação e manutenção do comportamento

ligado ao padrão de beleza contemporâneo, bem como analisar imagens, especialmente postagens do Instagram de influenciadores digitais Ivan Baron e Ana Clara Moniz com deficiência física podem valorizar a estética da diversidade.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

Nesta pesquisa classifica-se enquanto uma pesquisa exploratória como afirma Prodanov e Freitas (2013) quando a pesquisa se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa, orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto.

Este artigo de construção qualitativa, visa considerar a subjetividade do indivíduo o que não pode ser expresso por números e problematizar o uso excessivo das redes sociais, que tem sido associado a diversos impactos na saúde mental, na busca constante pelo padrão de beleza imposto pela sociedade atual, causando a insatisfação com o próprio corpo e podendo provocar o adoecimento emocional, impactando negativamente na saúde mental das pessoas com deficiência física. Portanto, esse estudo não está voltado para “representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito” (Guerra, 2014, p.11).

Apresenta uma pesquisa de forma bibliográfica e análise somática de imagens paradas usada como método de coleta de dados. A pesquisa bibliográfica foi importante para revisar a literatura existente sobre o tema em questão e observar a ausência de pesquisas sobre o tema tornando ainda mais relevante essa pesquisa. Segundo Prodanov e Freitas (2013), quando a pesquisa é realizada com base em material já publicado, como livros, revistas, artigos em periódicos científicos, monografias, dissertações, teses entre outros. Desse modo, o objetivo é proporcionar ao pesquisador um contato direto com todo o material já registrado sobre o tema em questão. No que diz respeito aos dados obtidos pela internet, é fundamental verificar a confiabilidade e precisão das fontes consultadas. Na pesquisa bibliográfica, o pesquisador deve confirmar a veracidade das informações coletadas, atentando para possíveis incoerências ou contradições presentes nas obras.

Nesse sentido, os casos analisados neste trabalho referem-se às imagens paradas de postagens nas redes sociais de influenciadores com deficiência física que são voz ativa na luta

anticapacitista como são os exemplos de Ivan Baron e Ana Clara Moniz. Por sua vez, seguem as orientações metodológicas propostas por Penn (2002) e se particularizam na leitura e interpretação da construção de sentido da diversidade e inclusão.

A realização da pesquisa bibliográfica foi aplicada utilizando nota técnica do Conselho Federal Psicologia, livros base e artigos científicos das bases de dados como Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico usando os descritores: redes sociais, padrão de beleza, pessoas com deficiência física, saúde mental e psicologia, com o objetivo de esclarecer possíveis danos do padrão de beleza nas redes sociais e efeitos sobre a saúde mental de pessoas com deficiência física.

Os critérios definidos para a inclusão de materiais para esse estudo foram da literatura base e trabalhos publicados entre 2005 e 2020, visando encontrar um maior número de artigos científicos atuais e que tenham relação temática estudada pois, essa temática ainda é pouco discutida e estudada na sociedade atual. Por esse motivo foram incluídos na pesquisa de artigos e livros somente nos seguintes idiomas: português, espanhol e inglês.

Portanto, os critérios utilizados para análise de imagens são postagens do Instagram dos perfis públicos de Ivan Baron e Ana Clara Moniz pessoas com deficiência física e que são voz ativa na luta anticapacitista foram utilizadas duas postagens de cada influenciador durante o período de 2020 á 2025 que apresentam discussões sobre corpos de pessoas com deficiência física.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.2.1 Entre corpo real e o corpo ideal na deficiência física

A deficiência física apresenta perda completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, proporcionando o comprometimento da função física ou motora, apresentando-se sob várias formas como paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou estéticas, entre outras. No estatuto da pessoa com deficiência, consta que a deficiência física pode ser vista como qualquer alteração que prejudique o desempenho esperado de uma parte do corpo (Brasil, 2015).

Os antigos gregos foram os primeiros a indagar quais seriam os atributos constitutivos da perfeição e até que ponto tal perfeição seria acessível ao ser humano. Platão postulou que as formas ideais estabelecem um padrão para a beleza estética. Com base nas concepções platônicas, a arte ocidental tem historicamente buscado representar o corpo humano idealizado.

Nesse cenário, os corpos com deficiência assumem uma posição central nas discussões ocidentais acerca da definição do que é ser humano. Como consequência do tratamento social negativo, a pessoa com deficiência não apenas enfrenta a estigmatização externa, mas também desenvolve mecanismos de opressão internalizada, gerando sentimentos de dúvida e inferioridade. Garland-Thomson (2017) argumenta que o discurso dominante se refere ao corpo branco, masculino e sem deficiências, e completa afirmando que esse tipo de discurso funciona como disciplinador das diferenças corporais.

Fontes (2006) aborda a noção de um corpo discordante do padrão de beleza, exemplificada de maneira marcante pelo corpo de indivíduos com deficiência física. Este corpo é percebido como atraente e consumível apenas dentro de uma cultura de massa, quando apresentado como espetáculo ou denúncia. Conforme a autora, esse corpo, desprovido de autonomia e limitado em sua capacidade de movimento e, por extensão, em sua encenação estética. Vale ressaltar que não nos referimos ao corpo doente ou enfermo, mas sim ao corpo desprovido de uma função, fisicamente limitado, que transita pelo mundo de forma silenciosa, praticamente invisível aos olhos sociais.

No corpo são inscritos hábitos, valores, modelos e práticas coletivas, todos intrinsecamente relacionados à cultura em que está inserido. A imagem externa do corpo adquire um papel de destaque nas sociedades, especialmente para aqueles que enfrentam alguma forma de deficiência física. Segundo Mello e Nuernberg (2012) o fenômeno da deficiência física não se encerra no corpo por si mesmo, mas na produção de uma cultura e sociedade que determina certas variações corporais como inferiores, incompletas, ou ainda passíveis de reparação quando localizadas em relação à corpo normatividade.

O corpo disciplinado de ontem é o corpo normativo de hoje, forjado em mecanismos de autodisciplina, autocontrole e regulação que interiorizamos no processo de socialização. O poder colonial-capitalista é inseparável da exclusão do corpo, do seu controle e dominação, da sua transformação em um objeto mecânico, objeto de consumo (Le Breton, 2011). A reforma do corpo está no coração da moral capitalista burguesa (Federici, 2017). A deficiência por muito tempo foi tratada como manifestação da animalidade, da irracionalidade, seus conhecimentos corporificados foram desautorizados por sua suposta anormalidade.

2.2.2 Padrão de beleza e implicações psicossociais na deficiência física

Segundo Diniz (2014), o conceito de beleza estar diretamente ligado a uma incansável busca da perfeição. Essa busca implica um esforço sob a pressão exercida pelo fenômeno dos

padrões estéticos para alcançar não apenas aqueles que efetivamente buscam essa "estética ideal", mas todos aqueles que são desvalorizados por não estar dentro do padrão esperado e desejado publicamente.

Na busca pelo corpo e o ideal-magro, deixa-se de levar em consideração o fator saúde, e leva-se mais em consideração o fator beleza. Criou-se, com isso, um retrato de que, para que se atinja a felicidade e uma vida plena, estar dentro do padrão de beleza, ou seja, ser considerada bonita e atraente, é mais importante do que estar em dia com a saúde física e mental (Bastian, 2020).

É válido o conhecimento de que o padrão de beleza vai além de ter uma vida saudável ou dieta balanceada, a questão fundamental a ser abordada é sobre o real prejuízo que essas exigências podem ser um fator a influenciar nas pessoas com deficiência física, as consequências são de baixa autoestima, depressão, alterações no humor, ansiedade e os distúrbios alimentares. São criadas expectativas e metas absurdas que não estão de acordo com sua estrutura corporal e acabam resultando em transtornos. É importante entendermos que esse padrão está longe de ser o ideal, devido às relações de diversidade (Rocha, 2018).

Segundo Maia (2010), compreende por imagem corporal aquela imagem pessoal que tem do nosso corpo, uma imagem formada a partir de referencial social e cultural, nem sempre compatível com o real, mas relacionada ao imaginário ou aquilo que é desejável socialmente. Além disso, compreende-se por autoestima a maneira pelo qual os indivíduos aceitam sua própria identidade, incluindo uma boa imagem corporal e uma aceitação dos aspectos afetivos e sociais inerentes a sua existência.

Atualmente, os conteúdos transitam ora pela estética e beleza e ora pela saúde e seus cuidados, por vezes associando o bonito ao saudável. Na perspectiva de Justo, Camargo e Alves (2014), evidencia que o cuidado corporal se relaciona tanto à beleza quanto à saúde. Esses dois objetos se destacam como elementos estruturais nos estudos sobre as representações sociais do corpo, apresentando um importante zona de intersecção. Nesse sentido, reflete-se sobre a construção das normas sociais e estereótipos ligados à beleza física e ao corpo saudável que se alicerçam sobre a usabilidade do corpo enquanto objeto prático em um ambiente material e social construído para corpos sem deficiência.

As mudanças na autoimagem ocasionadas pela deficiência física podem contriburem para a redução da autoestima, podendo levar os sujeitos a apresentarem sentimentos de incompletude e de incapacidade, assim como a ter preocupações sobre a exposição em público (Carvalho-Freitas *et al.*, 2018). Para Rodríguez (2009) a imagem corporal tem uma estreita associação com a deficiência, uma vez que a pessoa compara seu corpo a um funcionamento

que este deve ter, logo, não se trata de uma mera representação cortical do corpo, senão de uma construção multidimensional, na qual aparecem diversos elementos como: o tamanho, a figura, a aparência física, nível de satisfação que a pessoa exerce em seus sentimentos e comportamentos.

2.2.3 Redes sociais como espelhos distorcidos na contemporaneidade

O padrão de beleza vem sendo cada vez mais modificado de acordo com transformação cultural da sociedade moderna que estar valorizando ainda mais o corpo belo, perfeito e atlético. Segundo Santos e Pontes (2018), o corpo da era tecnológica vem tendo um novo significado de acordo com valores e normas de uma cultura construídos socialmente, entretanto, o indivíduo que não segue esse padrão de beleza é excluído, marginalizado e ridicularizado.

A questão sobre o corpo é desenvolvida a partir de uma sociedade que valorizam a produtividade e o consumo do indivíduo sem priorizar a subjetividade de cada pessoa e tornando o corpo como um produto capital. Na visão de Peres (2009), a imagem corporal da nossa cultura racionalizada, cientificada e industrializada, reduz o corpo a um objeto de uso em conformidade com os interesses econômicos, políticos e ideológicos de outros grupos ou classes sociais, fazendo com que o corpo se torne uma ferramenta de produção, que traria lucro e crescimento econômico ao meio no qual está inserido.

Conforme apontam Santos *et al.* (2019), a sociedade de consumo é marcada pelo progresso industrial, pela abundância de ofertas e pela homogeneização dos padrões de consumo. Embora o início dessa sociedade já estivesse presente anteriormente, é a partir da Revolução Industrial que o paradigma social baseado na produção cede lugar a um modelo centrado no consumo, o qual passa a desempenhar um papel central na cultura e na constituição das subjetividades.

O consumo configura-se como uma prática cotidiana presente em diferentes ações sociais, sendo uma atividade social e cultural intimamente vinculada à construção da subjetividade individual e à inserção do sujeito em seu grupo social. De acordo com Castro (2014), o ato de consumir vai além da simples aquisição e uso de bens e serviços, por meio do consumo, o indivíduo expressa significados, estabelece vínculos e constrói sua identidade. Nesse contexto, a cultura do consumo permite que o sujeito se identifique, reconheça seus semelhantes e seja socialmente reconhecido.

Neste sentido, na sociedade contemporânea, marcada pela valorização da individualidade, a corporeidade assume um papel central na existência dos sujeitos. Nesse

contexto, Figueiredo, Nascimento e Rodrigues (2017) destacam que a evidência dessa centralidade se manifesta na incessante busca dos indivíduos por se ajustarem a um padrão estético dominante, fenômeno que os autores denominam como “culto ao corpo”. Segundo os autores, esse culto está profundamente relacionado à modernidade e sua dinâmica de construção.

Lira e Lima (2020), destacam que a representatividade midiática exerce papel crucial na desconstrução de estereótipos e na promoção da aceitação da diversidade, especialmente no que diz respeito às pessoas com deficiência. Considerando que o corpo é um elemento central na formação da identidade humana, é possível compreender que indivíduos com deficiência física, ao consumirem certas produções midiáticas, podem não se perceber devidamente representados. Assim, defende-se que a inclusão na mídia vai além da simples presença visual: exige narrativas autênticas, construídas e contadas por quem vivenciar essas experiências de forma concreta.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para uma visualização das articulações entre corpo, deficiência física e redes sociais analisa-se imagens retiradas das postagens de perfis públicos de Ivan Baron e Ana Clara Moniz.

O influenciador digital e ativista Ivan Baron, com paralisia cerebral causada por meningite viral, é conhecido por sua atuação no combate ao capacitismo e pela defesa da inclusão e acessibilidade. Formado em pedagogia, ele é consultor de acessibilidade e palestrante, além de ter participado de eventos importantes como a entrega da faixa presidencial ao presidente Lula. Suas redes sociais têm foco em mostrar exemplos de capacitismo, educar sobre inclusão e acessibilidade, e engajar em movimentos sociais pela valorização das pessoas com deficiência.

Ana Clara Moniz é uma jornalista, escritora de um livro e um jornal e influenciadora digital diagnosticada com Atrofia Muscular Espinhal (AME). Ana Clara é conhecida por ser uma voz importante na representação e inclusão de pessoas com deficiência, compartilhando sua rotina e experiências nas redes sociais desde 2018. Ela lançou seu primeiro livro, "ABPCD: Letras, infâncias e vidas de pessoas com deficiência”.

As imagens analisadas representam um importante movimento de ressignificação da corporeidade e dos padrões de beleza nas redes sociais. Tanto Ivan Baron quanto Ana Clara se utilizam de seus corpos e narrativas como ferramentas de resistência simbólica frente à lógica estética excludente da modernidade líquida descrita por Bauman (2001). Segundo o autor,

vivemos uma era de fluidez identitária, em que a aparência se tornou um dos principais meios de reconhecimento social. Nesse contexto, o corpo é constantemente moldado para se adequar ao ideal de perfeição, reforçando a cultura da imagem e do consumo (Diniz, 2014; Fontes, 2006).

Nas postagens de Ivan Baron, observa-se a valorização da inteireza em detrimento da perfeição — “Ele me criou pra ser inteiro, não perfeito”. Essa afirmação pode ser compreendida como um enfrentamento à cultura da corpolatria, na qual, segundo Santos e Pontes (2019), a deficiência física é frequentemente associada à falta e ao desvio. A atitude do influenciador contrasta com a busca incessante pela normalização e reflete uma autoaceitação libertadora, que reafirma o direito ao corpo singular e imperfeito. A simbologia religiosa presente (Deus escreve certo por linhas tortas) reforça a dimensão subjetiva e espiritual do pertencimento corporal, representando uma ruptura com o olhar capacitista e patologizante tradicionalmente imposto às pessoas com deficiência (Garland-Thomson, 2017).

Imagem 01: busca por perfeição.



Fonte: <https://www.instagram.com/ivanbaron/>

Segundo Le Breton (2011), o corpo é um território simbólico, culturalmente moldado e investido de significados sociais. Nas redes sociais, o corpo torna-se uma linguagem, um meio de comunicação de si mesmo. As postagens analisadas nas quais pessoas com deficiência exibem seus corpos em contextos de lazer, fé e aceitação mostram o corpo como resistência e como reconfiguração de identidade. Elas desafiam o discurso de que a deficiência seria uma “falta” ou “desvio” e reafirmam o corpo como potência de presença e subjetividade.

Segundo o Conselho Federal de Psicologia (2025), a compreensão de deficiência evoluiu do modelo médico centrado nas limitações individuais, para o modelo social da deficiência, que enfatiza as barreiras sociais, culturais e ambientais como fatores que impedem a plena participação das pessoas com deficiência na sociedade. Assim, a deficiência é entendida como uma construção social e parte da diversidade humana, sendo fundamental o respeito à dignidade, autonomia e escolhas de cada pessoa.

Imagem 02: autoconfiança e reconciliação com próprio corpo.



Fonte: <https://www.instagram.com/ivanbaron/>

Do mesmo modo, nas publicações de Ana Clara, o discurso “todo corpo é um corpo de verão” desafia o modelo de beleza normativa ao reposicionar o corpo com deficiência como corpo desejante, visível e digno de admiração. Esse posicionamento dialoga com Hall (2016), ao afirmar que as identidades são construídas socialmente, e com Le Breton (2011), que entende o corpo como um lugar de significação social. A autora se contrapõe ao olhar social que, historicamente, desumanizou corpos com deficiência, promovendo uma visibilidade positiva que se alinha à Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015) legislação que garante o direito à dignidade e à participação plena dessas pessoas na vida social.

A partir de Garland-Thomson (2017), a representação da deficiência nas mídias deve ser compreendida não como um simples ato de visibilidade, mas como uma forma de transformação cultural. Quando figuras públicas com deficiência se mostram nas redes, elas

ampliam as possibilidades de representação social do corpo, deslocando a narrativa do “corpo extraordinário” aquele que é olhado com piedade ou curiosidade para o corpo comum, real e digno de admiração. Essa mudança é profundamente psicossocial, pois favorece a reconstrução da autoimagem e da autoestima.

Imagem 03: valorização da diversidade corporal.



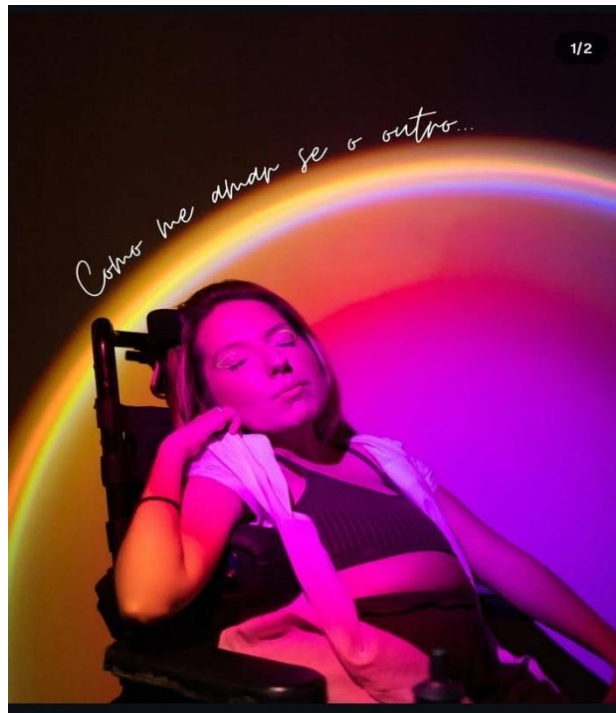
Fonte: <https://www.instagram.com/anaclarabm/>

O uso das redes sociais, nesse contexto, assume uma função psicossocial relevante. Conforme Castro (2014) e Guerra (2014), as plataformas digitais atuam como espaços de produção simbólica e cultural, onde os sujeitos constroem narrativas de pertencimento e resistência. Para pessoas com deficiência física, isso representa a possibilidade de reconstruir a autoimagem e a autoestima.

De acordo com Maia (2010) e Carvalho-Freitas et al. (2018), a autoimagem e a qualidade de vida das pessoas com deficiência estão fortemente associadas à forma como elas percebem a aceitação social e familiar de seus corpos. Ao verem outros corpos semelhantes sendo valorizados nas redes, há um efeito de espelhamento positivo que favorece a autoestima e a inclusão simbólica. Nesse sentido, as redes funcionam como ferramentas psicossociais de reconfiguração identitária, em que o corpo deixa de ser símbolo de limitação e passa a ser signo de potência, diversidade e liberdade.

Dessa forma, a Nota Técnica CFP nº 12/2025 reafirma o compromisso ético e político da Psicologia com a defesa dos direitos humanos, a promoção da equidade e a reparação histórica das exclusões sofridas por pessoas com deficiência. A deficiência física deve ser compreendida como resultado de barreiras sociais, e não como incapacidade individual. Assim, a atuação da(o) psicóloga(o) deve ser guiada por princípios anticapacitistas, inclusivos e emancipatórios, construindo uma Psicologia que garanta autonomia, respeito e justiça social para todas as pessoas.

Imagem 04: luta pelo amor-próprio.



Fonte: <https://www.instagram.com/anaclarabm/>

A partir das análises realizadas, pode-se compreender que as redes sociais, embora inseridas em uma lógica mercadológica e estética excludente, também se constituem como ferramentas contemporâneas de reconstrução identitária, empoderamento e resistência cultural. Na medida em que pessoas com deficiência física ocupam esses espaços digitais, elas desafiam a narrativa histórica que as associava à fragilidade, à limitação ou à invisibilidade social. Em lugar da ausência, surge a presença afirmativa do corpo, que passa a ser visto não mais como “defeituoso”, mas como expressão legítima de existência e potência simbólica.

Essas representações digitais revelam que a autoimagem e a autoestima das pessoas com deficiência podem ser fortalecidas a partir da valorização da diferença e da quebra de paradigmas normativos de beleza. O corpo, antes silenciado ou escondido, torna-se instrumento de fala e de autonomia, rompendo com o discurso da perfeição corporal e abrindo espaço para

uma estética plural e real. O corpo com deficiência, nesse cenário, emerge como símbolo de resistência e potência, reafirmando que beleza e humanidade não residem na forma, mas na experiência singular e autêntica de existir e se reconhecer inteiro, não perfeito.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender as influências das redes sociais na construção dos padrões de beleza e como esses padrões impactam a autoimagem e a saúde mental das pessoas com deficiência física. A partir da análise teórica e das análises das postagens de influenciadores digitais com deficiência, foi possível constatar que, embora as redes sociais frequentemente reproduzam ideais estéticos excludentes e inatingíveis, elas também vêm se tornando espaços de resistência, visibilidade e empoderamento para grupos historicamente marginalizados sendo assim, uma resposta para o questionamento de como as redes sociais influenciam no padrão de beleza das pessoas com deficiência física.

As redes sociais desempenham um papel incerto na sociedade contemporânea ao mesmo tempo em que funcionam como espelhos distorcidos, reforçando estereótipos e comparações sociais nocivas, também possibilitam a expressão de identidades plurais e a desconstrução de paradigmas normativos. No caso das pessoas com deficiência física, o ambiente digital oferece um espaço para reivindicação de pertencimento e para o rompimento com o discurso capacitista, que por muito tempo associou o corpo deficiente à limitação, à falta e à inferioridade.

As análises das postagens de influenciadores com deficiência física revelaram a potência simbólica do corpo como forma de resistência e comunicação. Tendo em vista, que se mostraram de maneira autêntica, esses sujeitos ressignificam a imagem do corpo com deficiência, transformando-o em instrumento de luta, orgulho e valorização da diversidade. Essa nova representação contribui diretamente para o fortalecimento da autoestima, para a construção de uma autoimagem positiva e para a ampliação do debate sobre inclusão e acessibilidade nos espaços sociais e digitais.

Com isso, compreende-se que a visibilidade de pessoas com deficiência nas redes sociais não é apenas uma questão estética, mas também política e subjetiva. Trata-se de uma forma de ocupar espaços historicamente negados, desafiar padrões de beleza que reforçam exclusões e afirmar a pluralidade das experiências humanas. Dessa maneira, se reconhecendo e se representando, essas pessoas rompem com o olhar de compaixão e passam a ser vistas sob a ótica da potência e da autonomia.

Dessa forma, as redes sociais, quando utilizadas de maneira consciente e crítica, tornam-se ferramentas fundamentais para a promoção da inclusão e para a reconfiguração dos significados sociais atribuídos à deficiência. Elas permitem que o corpo com deficiência seja visto como legítimo, belo e digno de admiração, deslocando o foco da aparência física para a singularidade da vivência e da expressão subjetiva de cada indivíduo.

Por fim, conclui-se que a desconstrução dos padrões de beleza impostos pela sociedade requer um esforço coletivo e contínuo, que ultrapassa os limites do meio digital. É necessário promover uma educação voltada para o respeito à diversidade, incentivar a representatividade em diferentes espaços e garantir que pessoas com deficiência tenham voz ativa na construção das narrativas sobre seus próprios corpos. Sendo assim, possível avançar rumo a uma sociedade mais justa, inclusiva e humana, em que a beleza seja reconhecida na pluralidade, na autenticidade e na integralidade de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, 6 de julho de 2015.

BASTIAN, F.C. **O padrão de beleza e seus efeitos sobre autoimagem, autoestima e imagem corporal**. Universidade do Sul de Santa Catarina. Florianópolis: 2020.

CARVALHO-FREITAS, M. N; SILVA, V. A; TETTE, R. P. G; VELOSO, H. S; ROCHA, P. C. Retorno às atividades laborais entre amputados: Qualidade de vida no trabalho, depressão e ansiedade. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v.18, n.4, p.468-475, 2018.

CASTRO, G. G. da S. Comunicação e consumo nas dinâmicas culturais do mundo globalizado. **PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura**, n. 6, p. 58-71, 2014.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Nota Técnica CFP nº 12/2025: Orientação às psicólogas e psicólogos para atuação junto a pessoas com deficiência**. Brasília, 2025.

DINIZ, M. R.; **A outra face do narcisismo: cultura do consumo e beleza do corpo na sociedade contemporânea**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Política Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FIGUEIREDO, D. de C.; NASCIMENTO, F. S.; RODRIGUES, M. E. Discurso, culto ao corpo e identidade: representações do corpo feminino em revistas brasileiras. **Linguagem em (Dis)Curso**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 67-88, 2017.

FONTES, M. Uma leitura do culto contemporâneo ao corpo. **Revista de Comunicação e Cultural**, v. 4, n. 1, p. 117-136, 2006.

GARLAND-THOMSON, R. **Extraordinary Bodies: Figuring Physical Disability in American Culture and Literature**. 20th Anniversary Edition. New York: Columbia University Press, 2017.

GUERRA, E. L. A. Manual pesquisa qualitativa. **Grupo Anima Educação, educação a distância**. Belo Horizonte, 2014.

HALL, S. **Cultura Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUCRio:Apicuri, 2016.

JUSTO, A. M; CAMARGO, B. V; ALVES, C. D. B. Os efeitos de contexto nas representações sociais sobre o corpo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.30, n.3, p. 287-297, 2014.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LIRA, T. S.; LIMA, A. R. Representação da Pessoa com Deficiência na Mídia: Desafios e Oportunidades. **Revista de Comunicação e Mídia**, v. 10, n. 2, p. 40-60, 2020.

MAIA, A. C. B. **A importância das relações familiares para a sexualidade e a autoestima de pessoas com deficiência física**. Portal dos Psicólogos, p. 1-10, 2010.

MELLO, A. G. de; NUERNBERG, A. H. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. **Revista Estudos Feministas**, v.20, n. 3), p. 635-655, 2012.

PENN, G. **Análise Semiótica de Imagens Paradas. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, p. 319- 342, 2002.

PERES, L. S. Corporeidade e sua relação com a Educação Física: um breve resgate histórico para entendimento. **Caderno de Educação Física**. Marechal Cândido Rondon, v. 8, n. 15, p. 53-61, 2009.

PRODANOV, C. C. FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Novo Hamburgo: Ed. Universidade Feevale, 2013.

ROCHA, T. M. **“Padrão de beleza” e saúde mental da mulher**. Psicologia Acessível, 2018.

RODRÍGUEZ, H. **La conciencia corporal: una visión fenomenológica-cognitiva**. Acta Fenomenológica Latinoamericana, 3, 289-308, 2009.

SANTOS, F. de P.; PONTES, J. A cultura da corpolatria na pós modernidade e o deficiente físico: uma reflexão acerca dessa lógica binária. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 32, p. 49, 2019.